

TECENDO EM CONTAS O FIO DA VIDA: MULHER NEGRA, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA.

Sandra Aparecida Gurgel Vergne¹

Resumo A oralidade é ferramenta milenar de transmissão de cultura, visão de mundo e religiosidade. A mulher assume um lugar fundamental na possibilidade de enfrentamento das dores produzidas pela diáspora africana, trazendo através da palavra a religiosidade que foi ferramenta de preservação de uma visão de mundo que inclui o corpo como lugar de conexão com o sagrado. No fiar de contas, no tecer de rendas, na dança dos orixás, ao som dos tambores, desobedece à ordem colonialista, que tenta controlar corpo e alma. A presença das orixás femininas apontam para formas possíveis de ser e viver, mesmo que através de associações ambíguas e sincréticas com as santas católicas, ainda que enfrentando hoje a violência da perseguição religiosa.

Palavras-chave: Oralidade. Mulher Negra. Religiosidade. RESISTÊNCIA
sincretismo

¹Mestranda Ciências da Religião- Pontifícia Universidade Católica do São Paulo (PUC-SP)
Docente de Ensino Religioso da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro
(SEEDUCRJ) Secretaria Municipal de Educação de Nilópolis SME- Caxias Rj

Introdução

Pretendo neste artigo trazer para superfície a relação de preconceitos tecida nas contas do dia a dia, que internalizadas produzem verdades absolutas em relação as questões étnico racial. E quando o recorte é referente as *Mulheres negras*, tendem a ser ainda mais desvalorizadas, pois além de mulheres, carregarem sobre si os estereótipos do exótico ainda levam nos ombros a marca da demonização, subjetiva e estética, atribuídos aos negros.

Neste sentido que pretendo destacar, que apesar da base educacional, familiar, institucional, religiosa, reforçada por um Estado que em parte é movido por uma bancada evangélica, que prega um modelo de família patriarcal, sexista e homofóbico - ao menos no Brasil, permanece sob-responsabilidade predominantemente feminina a base de referencia familiar, mas legada a subalternidade e invisibilidade nas hierarquias religiosas e sociais.

Não me deterei longamente nos aspectos que imbricam nas questões da vida social e histórica que naturalizam as diferenças em relação ao gênero e etnia. A adoção de uma política de exclusão dos negro, das mulheres em relação ao exercício da cidadania. São justificados por um pensamento pautado nos saberes científicos, mas, coloniais que perduram em nossa sociedade até o início do século xx. Que colocam a mulher dentro de casa responsável pelas tarefas doméstica. E em particular coloca a mulher negra dentro da casa da patroa como empregada doméstica.

A mulher evolui seus direitos foram conquistados, no entanto a reflexão permanece pois, tendo em vista as dificuldades que a mulher, ainda enfrenta, no mercado de trabalho, na discriminação quando na liderança e nas várias jornadas de trabalho que ainda acabam por se submeter e serem submetidas. Pelos aprendizados subjetivos que a assolam no cotidiano.

As mulheres dominam os serviços, são majoritárias na educação e na saúde, mas não entram na produção, na política ou em outros setores que continuam predominantemente masculinos. Poderíamos falar de emancipação segregativa ou de emancipação "sob tutela".Pior ainda, a autonomia das

mulheres assalariadas freqüentemente se traduziu por uma sobrecarga de trabalho e por opressões “privadas”, já que a divisão do trabalho doméstico não foi sensivelmente afetada por tal emancipação. Ampd Educação como Exercício de Diversidade (p.22)

Quando trazemos a trajetória da mulher negra, a história a coloca como uma das maiores vítima da profunda desigualdade e inserção discriminatória da população feminina negra no campo socioeconômico do país. Devido a marcas vindas das diásporas forçada do sequestro de negras e negros de Africas, fruto da violência, do abuso sexual, moral e afetivo.

No entanto, ela se resignifica e nos desafia a compreender seu o papel na educação ,em casa, no terreiro, na escola, na comunidade associada à educação e as causas da *mulher negra*. No entanto não podemos perder de vista a que a educação etnocêntrica funciona como instrumento adaptador do indivíduo ao meio social, numa visão clássica que remonta a Durkheim, “a educação é vista como a socialização adaptadora” do indivíduo a uma determinada cultura. E em nosso caso a cultura baseada no modelo Europeu nos aspectos culturais, religiosos para dominar mentes.

Os filhos das escravas nascidos depois da publicação desta lei serão considerados livres. Os libertos em virtude desta disposição ficarão em poder e sob a autoridade dos senhores de suas mães, que exercerão sobre eles o direito de patronos, e terão a obrigação de criá-los e tratá-los, proporcionando-lhes sempre que for possível a instrução elementar. (Negro e Educação, Presença do Negro no Sistema Educacional – ANPED, p.12,13,15. Cita trecho de artigo da Câmara dos Deputados, 1874, p.27.)

Esta mesma sociedade a qual a “acolhe” a vê como instrumento de manutenção do ideal colonizador das vidas e das mentes através da educação , fato que em parte se perpetua até os dias de hoje.

Ao trazer o simbólico das contas, pretendo fazer uma relação do que subverte a ordem e imbrica como elemento religioso, mas também como força identitária de um povo e em nosso caso como força feminina , no que representa o seu vínculo com o **orixá de seu ori**². E mesmo tempo é epsteme cosmologico do candomblé.

E ao indicar a sua ancestralidade para reafirmá-lo como símbolo identitário do seu lugar na comunidade de fé. Também determina seu lugar

de resignificação da saída da dor para o gozo. Assim pretendo ao trazer olhar para o marco da trajetória da mulher negra na história, na possibilidade de reestruturação da sociedade diante a cosmovisão africana.

A primeira conta - MITO E MULHER

Diante do divino verbo do fiar o imanente e o transcendente vão tomando forma e corpo, pois foi concebido na essência da palavra. As contas são colocadas no fio, para produzir o adorno, quer dizer mais. Que ao tocar no corpo traz a religião como justificativa que não somos obra do acaso, mas encantados pelos seres mágicos religiosos tocados pela “fé”. Durkheim defende que não é a coisa em si que é a causa do culto no *totemismo*, se assim fosse o próprio objeto assumiria o *status* de Ser Sagrado, mas é aquilo que é representado por ele, remetendo a outra coisa ou ser que possui o valor máximo:

Daqui de conclui que o *totem* não é mais que um símbolo, a expressão material, por um lado, de um princípio divino totêmico e por outro da sociedade determinada que é o clã, a marca distintiva em relação a outras comunidades. (FERREIRA, 2014)

A força do simbólico que as mulheres negras se tornam perpetuadoras da tradição do culto dos orixás no Brasil, onde a palavra ganha um caráter religioso místico e de fé, onde a memória concebe a história do outro como uma verdade, onde a vida é alguma coisa que deve ser repassada e constituída como mistério divino e que não cabe na metrópole nas regras das linhas traçadas de uma cidade feita para extinguir a vida. É como caminhar lado a lado, o sagrado e a vida, no mesmo espaço.

Ao desobedecer à ordem urbana é trazer a tessitura destas contas varias matizes da sabedoria popular, que falam do que é vivido. É transgredir a ordem. Assim como na obra: *As parteiras Sifra e Fua, bíblicas, que desobedecem à ordem dada de tirar a vida dos meninos*, lutando contra a tentativa de tirar a memória e executar o esfacelamento de um povo, elas se rendem ao ato divino de vestir a vida e subverter a morte.

...A história contada não traz o esquiteamento de corpos que são manietados na teia do poder... “ É no trabalho de partejar que as mulheres narram seu ritual de fazer nascer crianças para o mundo. Imbuídas de uma religiosidade quase primitiva de um poder arcaico imerso em orações e rituais, suas práticas são entendidas como mistério da divindade ou mesmo como dom de Deus. (FERREIRA, 2012. p. 77)

Assim as mulheres negras repletas de contas nas casas de terreiro rompeu o couro, subverter para se perpetuarem na história através do marco da palavra seja na casa de terreiro ou na escola. Universo amplamente feminino. Ao fiar as contas nesta história encontramos a feminilização do magistério nos primeiros anos de escolaridade.

Acreditavas se que a mulheres, por sua constituição natural, cabia socializar as crianças, como parte de suas funções maternas. Foi fácil admitir que a educação das crianças estariam melhor cuidada nas mãos de uma mulher, a professora. Logo, a função de mãe na família era estendida à escola pela pessoa professora. A mulher negra ao longo de nossa história foi, e é, a maior vítima da profunda desigualdade e inserção da população negra no campo socioeconômico do país. No entanto permanece como figura central para enfrentamento dos desafios da educação em casa, no terreiro, na escola, na comunidade.

A entrada para o magistério também possibilitava a conciliação dos trabalhos domésticos com o trabalho de professora, os horários de trabalho na escola não prejudicava seus afazeres domésticos. O magistério, enquanto profissão pouco rentável, afastava os homens que deveriam prover o sustento da família. No caso das mulheres, estas poderiam exercer uma profissão mal remunerada, já que não lhes cabia a responsabilidade de “chefes de família”(SCHAFFRATH, 2000)

Uma leitura rápida de determinados signos e símbolos que nos apresenta a realidade, a mulher já saiu da cozinha e da senzala, mas o mito da mulher negra erótica, a ser provada, degustada e descartada isso permanece? Ou será que ainda ela é vista como aquela que a natureza a fez para o lugar da subalternidade , da maternidade e da ama de leite. Não há problemas em gerar vida nem amamentar, a final o primeiro homem da humanidade saiu do útero de uma mulher e foi amamentado por ela.

Se a religião não for capaz de nos oferecer o conhecimento da totalidade de compreensão da religiosidade implícito no corpo de uma mulher no que a voz é capaz de dizer, pois no princípio era o verbo, e o verbo e a palavra dita pela boca da mulher. Pensando nestes aspectos é que é possível buscarmos uma melhor compreensão do lugar mulher no terreiro

Diante da imaginação e criatividade do simbólico, é preciso atenção para sermos capazes de ler os signos e decodificar traços através do marco da oralidade a cultura de fé de um povo fazendo a conexão entre a arte, símbolos, cantos, gestos que tornam forma através dos movimentos e rituais sagrados. Assim pergunto: Qual seria o papel da mulher do terreiro? As figuras femininas estão presentes de forma menos desigual nas religiões de matriz africana. Nas religiões afro-brasileiras, as figuras de Tia Ciata e Mãe Menininha, acabaram por terem seus nomes e histórias respeitadas e apesar de estarem em religiões consideradas como “primitivas”.

Orixás feminina - Tecendo a vida no cotidiano

As Orixás femininas são parte integrante de nossa cultura, em especial quando pensamos nas associações ambíguas e sincréticas a santas do catolicismo. É importante também lembrar que talvez não por acaso tenhamos como padroeira católica uma “santa enegrecida”, apesar dos traços portugueses da imagem original de Nossa Senhora Aparecida.

Neste contexto cabe várias provocações ao leitor. Estariam os conhecimentos intuitivos, passados de forma oral e gestual, contidos no simbólico das orixás femininas, dizendo o que? Poderiam estar interligando o que se pretende projetar no outro, como estratégia psicológica para se resolver as questões de elaboração e simbolização? O que pode nos dizer também, no cotidiano, a relação feita entre os fenômenos naturais, associados às orixás, e sabedoria popular?

Pascal Boyer, um dos atuais pesquisadores acerca da religiosidade a partir da psicologia cognitiva, afirma que o pensamento religioso é uma propriedade de nossa capacidade cognitiva, de inteligências múltiplas, diante a fluidez cognitiva de forma natural como um animal que faz parte da

natureza. Para Boyer, a descrença é geralmente resultado de um esforço deliberado, que vai contra nossas “disposições cognitivas”:

O pensamento e o comportamento religioso podem ser considerados parte das capacidades humanas naturais, como a música, os sistemas políticos, as relações familiares ou as alianças étnicas. (citado no artigo **Deus Mora no Cérebro**, de Javier Sampedro e publicado no jornal El País, 23-02-2009)

De fato é preciso aprofundar nossa reflexão sobre o lugar das construções simbólicas no seu papel de fornecer possibilidades de pensar a vida.

Na obra *Ogundana: O Alabê de Jerusalém*, de Altay Veloso, que traz uma delicada e profunda história acerca de um africano do Daomé que acaba por viver nos dias de Jesus Cristo em Jerusalém, as mulheres exercem um papel essencial. Na história do romance, também transformado em ópera, Altay Veloso traça um paralelo entre as orixás e as figuras femininas da vida de Jesus. Devido ao seu referencial, ligado à religiosidade de matriz africana, aponta para a importância destas mulheres-orixás na mensagem do amor e de vida por Jesus pregadas.

São as lágrimas da Oxum, as contas de lemanjá, a serenidade de Nanã, a valentia de Oyá. Benditas sejam essas moças, deusas da natureza, que tiveram a gentileza de cuidar de Oxalá (Jesus). Uma dando o seu ventre, essa é a mais sagrada. Vai perpetuar seu nome. Saudações, ora-iê-iê. Saluba, Nanã, saluba! Bendito esse seu destino que preparou sua carne para ser a avó do menino. Nessa vida um bom começo é educação de berço. Olha a voz de lemanjá, sofrendo a dor do exílio. Ela que cuidou dos filhos quando abriu o Mar Vermelho, é hoje apenas serei no reflexo do espelho. Estala lansã! Instala a sua ventania na escrita da Cabala. Sua luz é um poema nos olhos de Madalena. De um olho d'água nasce um rio tão admirável e fecundo. Não há nenhum paralelo na história do nosso mundo como a saga das mulheres que cuidaram de Jesus (VELOSO, 2005. p. 18)

No entanto, nossa cultura patriarcal de raízes greco-romanas, que recontam a tradição judaico-cristã, produziu um lugar desqualificante e inferiorizante para a mulher, que apesar de todas as lutas sociais, ainda é predominante. A tradição africana por outro lado está ainda distante do ensino formal em nosso país, reduzindo a possibilidade de encontro dos pesquisadores com referenciais que possam ser alternativas de construção de saberes e de desconstrução de uma estrutura de produção do conhecimento ainda sexista, machista e racista.

Trago algumas provocações ao leitor deste artigo em relação as implicações do racismo, do preconceito e da discriminação na sua vida de professora? Quais elementos, caminhos, incômodos, dores, “verdades”, resistências, proporcionaram tal construção? Quais as implicações do racismo para o processo de morbi/mortalidade da mulher negra? A mulher negra no campo da educação básica, no percurso da sua trajetória, silencia, internaliza a inferiorização ou se contrapõe ao exercício da exclusão racial e ressignifica a própria história?

Não estou aqui usando o estereótipo de que toda mulher negra deva ser de terreiro, mas o que pretendo destacar a imagem da mulher de terreiro como símbolo da força feminina que se dá de forma positiva, em oposição às imagens da mulher objeto, da mulher ama de leite, da mulher doméstica. Ainda trazemos estas marcas negativas nas veias da sociedade. As figuras femininas das Orixás falam de diversos aspectos da mulher e de seu lugar no mundo. Em uma linha de pensamento distante do patriarcalismo, as figuras femininas representam destaque e profunda importância.

A fragmentação da medicina ocidental pode ser revisada se apontamos para o conhecimento desenvolvido ao longo de séculos pelas culturas tradicionais. A figura da mãe no terreiro traz a mulher como conhecedora dos elementos e rituais místicos de quem precisa entender o todo não as partes.

Afinal a vida são máscaras (Levi Strauss) que ressignificam a forma de ver o mundo. O mito toca o mundo através do corpo e da cultura, produzindo sentidos de viver e ações no mundo podem produzir a vida e a morte. As possibilidades de construção do respeito a vida são marcadas pelo cuidado, ao contrário da produção da guerra.

É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça, mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e seus objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas, também, por símbolos, alegorias, rituais, mitos. (CARVALHO, 1990, p. 10)

A dominação territorial do homem pode ao longo dos séculos ter enfraquecido a do cuidado, onde as mulheres acabaram por serem confinadas ao cuidado privado. Resgatar referenciais que apontam para o feminino pode ser uma importante estratégia de produção de vida. **TECENDO EM CONTAS O FIO DA VIDA** a mulher negra vai afirmando sua história de resistências. Seja no legado deixado por tantos nomes de mulher do terreiro ou no terreiro das escolas, dos consultórios, escritórios e tantos mais. Algumas ainda construindo sua história Como conceição Evaristo, Helena Theodoro, Ministra . E outra que já viraram ancestrais Nizinga, ... Azoilda loreto. Você ou eu na arte de aprender minha história nos fios de contas de meu orixá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Murilo de. **Formação das almas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERREIRA, A. C.; GROSSI, Y. S. **Religião e cidade: a narrativa das parteiras e sua religiosidade na Belo Horizonte dos anos 90**. Numem, UFJF. v.15, p.65-87, 2012.

FERREIRA, Francisco Cortês. **Totemismo – A religião como Experiência Social na perspectiva Durkheimiana** Artigo publicado no site Companhia dos Filósofos. Disponível em. <http://companhiadosfilosofos.blogspot.com.br/2014/01/totemismo-religiao-como-experiencia.html>. jan 2014. Acesso em 14 de dez de 2014.

SAMPEDRO, Javier. **Deus mora no Cérebro**. artigo publicado no jornal El País, Disponível em [www.filofranklin.pro.br/Textos/28 Deus mora no cerebro.doc](http://www.filofranklin.pro.br/Textos/28_Deus_mora_no_cerebro.doc) em 23.02.2009. Acesso em 15 de dez de 2014.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. **Profissionalização do Magistério Feminino: uma história de emancipação e preconceitos**. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em <http://www.anped.org.br/23/textos/0217t.PDF> . setembro de 2000. Acesso em 10 de dez de 2014

VELOSO, Altay. **Ogundana: O Alabê de Jerusalém**. 2ª edição. Avatar Produções Artísticas. São Gonçalo. 2